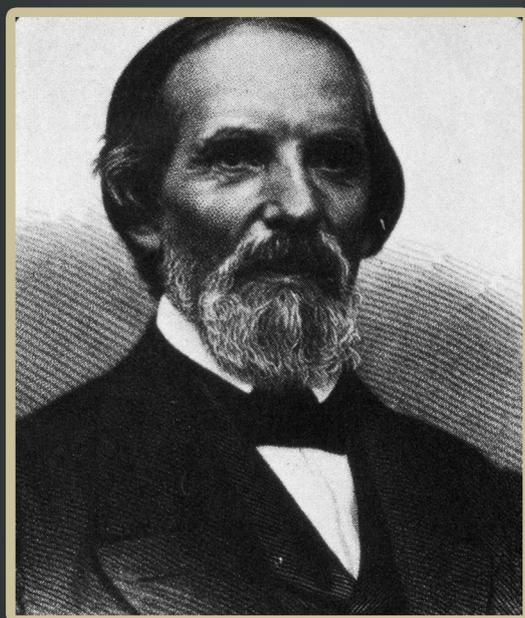


ARTIGOS DE PIONEIROS ADVENTISTAS

O VERDADEIRO CLAMOR DA MEIA-NOITE

“EIS QUE VEM O NOIVO! SAÍ AO SEU ENCONTRO!”



SAMUEL S. SNOW

1806-1890



CENTRO WHITE PRESS

Índice

Os 6.000 Anos	4
Os Sete Tempos dos Gentios	5
Os 2.300 Dias	6
As 70 Semanas	7
Os Tipos	9

O VERDADEIRO CLAMOR DA MEIA-NOITE

“EIS QUE VEM O NOIVO; SAÍ AO SEU ENCONTRO”

Vol. 1. Núm.1.

Editado por S. S. Snow

e Publicado por E. Hall Jr.; Haverhill, Mass.

22 de agosto de 1844.

Nosso bendito Senhor e Mestre prometeu que virá novamente e receberá Seu povo para Si, para que onde Ele estiver, eles possam estar também. O lugar em que Deus e Seu povo habitarão para sempre é a Nova Jerusalém, a Santa cidade que Deus lhes preparou, a qual deverá descer de Deus vinda dos céus; é também a Nova Terra, onde habita a justiça.

Acerca do *tempo* desta vinda, diz Ele em Marcos 13:32: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai”. Muitos pensam que esta passagem prova que os homens jamais saberão o tempo. Se assim for, ela também prova que o próprio Filho de Deus jamais saberá o tempo, pois o texto diz acerca dEle exatamente o mesmo que diz acerca dos anjos e dos homens. No entanto, será que alguém poderia crer que nosso glorioso Senhor, a quem é dado todo poder no céu e na terra, não conhece e continuará sem saber o tempo [de sua vinda] até chegar o momento em que Ele venha julgar o mundo? Se [a resposta for] não, então este texto jamais provará que os homens não possam entender o tempo. Numa antiga versão inglesa da passagem, lemos: “A respeito daquele dia e hora ninguém faz saber, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai”. Esta é a tradução correta segundo vários dos mais hábeis estudiosos da época. A palavra *saber* é usada aqui no mesmo sentido que Paulo escreveu em 1 Coríntios 2:2. Paulo bem sabia muitos outros assuntos além de Cristo e Ele crucificado, mas determinou-se a nada mais *tornar conhecido* entre eles. Assim, na primeira passagem citada, é declarado que ninguém a não ser Deus, o Pai, torna conhecido o dia e a hora, isto é, o *tempo definido* da segunda vinda de Seu Filho. Isto necessariamente implica que Deus é quem faz saber o tempo. O Velho Testamento contém o testemunho do Pai acerca de Seu Filho e também acerca do *tempo*, tanto da primeira como da segunda vinda. Portanto, o tempo é algo que deverá ser compreendido. Veja Daniel 12:10: “Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão”. Romanos 15:4: “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança”. É pelo ensino da palavra, sendo nela guiados pelo Espírito Santo, que iremos entender o tempo da vinda de nosso GLORIOSO REI. Como prova adicional, veja Daniel 9:25: “Sabe e en-

tende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos”. Marcos 1:14-15; “E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho”. Lucas 19:43-44: “Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados; E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação”. 1 Pedro 1:9-11: “Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir”. Isaías 40:1-5; Atos 17:30-31: “Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo”. Eclesiastes 3:17: “Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo o propósito e para toda a obra”. Eclesiastes 8:5-7: “Quem guardar o mandamento não experimentará nenhum mal; e o coração do sábio discernirá o tempo e o juízo”. Jeremias 8:6-9: “Eu escutei e ouvi; não falam o que é reto, ninguém há que se arrependa da sua maldade, dizendo: Que fiz eu? Cada um se desvia na sua carreira, como um cavalo que arremete com ímpeto na batalha. Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola, e o grou e a andorinha observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor. Como, pois, dizeis: Nós somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Eis que em vão tem trabalhado a falsa pena dos escribas. Os sábios são envergonhados, espantados e presos; eis que rejeitaram a palavra do Senhor; que sabedoria, pois, têm eles?”. Oséias 9:7-9: “Chegarão os dias da punição, chegarão os dias da retribuição; Israel o saberá; o profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco”. Romanos 13:11-14, “E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono”.

Os 6.000 Anos

O período de tempo designado a este mundo em sua atual situação é de 6.000 anos, ao fim do qual se inicia o grande Sábado Milenar, citado em apocalipse 20, que terá início com o aparecimento pessoal de Cristo e a primeira ressurreição; veja Isaías 46:9,10; Gênesis 2:1-3; Hebreus 4:4-9; Isaías 11:10; 2 Pedro 3:8. Segundo a cronologia de Usher, que é geralmente aceita, a Era Cristã começou no ano 4004 [contando a partir da criação do mundo]. Mas Usher errou em 153 anos no período do juizes. Da divisão da terra de Canaã até o início da administração de Samuel, ele conta apenas 295 anos, enquanto que Paulo, em Atos 13:20, menciona o período como sendo “quase quatrocentos e cinquenta anos” (ARC). Do livro de Juizes obtemos 430 anos e Josefo nos acrescenta 18 anos para [o período d]os anciãos e da anarquia, antes que qualquer juiz dominasse; isso somado aos 430 [anos] resulta em 448 [anos], e isso está em harmonia com Paulo, supondo que ele tivesse arredondado os números. A diferença entre esse número e aquele dado por Usher é de 153 anos, os quais devem ser adicionados à idade do mundo, fazendo com que a Era Cristã se iniciasse no ano 4157; ou, em outras palavras, 4.156 anos [inteiros] e uma fração [de ano] haviam passado no suposto momento do nascimento de Cristo. Subtraindo esse número dos 6.000 anos restam 1.843 [anos] e uma fração [de ano]. Assim o período terminará *durante* o ano de 1844 d.C.

Os Sete Tempos dos Gentios¹

Os sete tempos de domínio dos gentios sobre a igreja de Deus, mencionados em Levítico 26, tiveram início com a quebra do orgulho de seu poder, no cativeiro de Manassés, rei de Judá, no ano 677 a.C. Veja Isaías 10:5-12; Jeremias 15:3-9; 1:17; 2 Crônicas 33:9-11. Esta é a data atribuída por todos os cronologistas para aquele evento. Os sete tempos proféticos totalizam 2.520 anos. Como prova disso veja Apocalipse 12:6 e 14, em que 3 tempos e ½ são equivalentes a 1.260 anos. Um tempo, portanto consiste de 360 anos solares, que multiplicados por 7 resultam em 2.520. Se este período tivesse começado no primeiro dia de 677 a.C., teria terminado no primeiro dia de 1844 d.C., pois 677 anos completos de um lado e 1.843 de outro, resultam em 2.520 anos completos. Foi suposto que o período terminaria em 1843 d.C. Mas como uma parte de 677 a.C. ficou de fora, uma parte correspondente de 1844 d.C. deve ser incluída para que o período fique completo. Foi provavelmente no outono

¹ Os *sete tempos* dos gentios são conhecidos como o período de 2.520 anos, atualmente defendido por alguns, e no passado por pioneiros como S. S. Snow, Guilherme Miller, Hiran Edson, etc. Contudo, outros pioneiros se posicionaram contra esta ideia: Tiago White, Uriah Smith, etc. De acordo com todo o material a que temos acesso, Ellen White jamais mencionou os 2.520 dias ou anos, nem se referiu ao período como constituindo profecia de tempo. Pelo contrário, no livro *O Grande Conflito*, p. 351, ela chamou os 2.300 anos de “o período profético mais longo” da Bíblia: “Miller e seus companheiros proclamaram que o período profético mais longo e o último apresentado na Bíblia estava a ponto de terminar [...]. A mensagem apresentada por Miller e seus companheiros anunciava a *terminação dos 2.300 dias*”. E 2.300 anos são menos do que 2.520 anos. Se Ellen White diz que os 2.300 anos são a profecia mais longa da Bíblia, o que então representam os 2.520 anos? São automaticamente eliminados de serem candidatos a profecia de tempo.

Na *Review and Herald* de 1º de abril de 1880, os editores (Tiago White, J. N. Andrews e Uriah Smith) declararam: “Alguns escritores sobre cronologia não têm tido pouco a dizer, fundamentalmente, acerca de um suposto período profético, ao qual introduzem sob o nome de ‘os sete tempos’, e interpretam como representando um período de 2.520 anos. É admirável o malabarismo aritmético e histórico utilizado a fim de encontrar um ponto de início e fim para este importante e extenso período. [...] Alega-se que este período se encontra em Levítico 26:18, 21, 24 e 28. O único problema nisso é que não há um período assim nesse capítulo, nem em parte alguma da Bíblia. Achamos que seria muito melhor que as pessoas empregassem sua força na busca por descobrir a aplicação *correta* dos períodos proféticos que *são* apresentados na Bíblia, ao invés de descobrirem de maneira tão laboriosa um lugar para iniciar e terminar os não apresentados [...]”.

O erro em interpretar os sete tempos como algo profético provém de uma confusão na tradução do texto hebraico para o inglês. A expressão em inglês “seven times”, pode ter dois significados: “sete tempos” ou “sete vezes”. Se o significado em hebraico fosse “sete tempos”, a expressão poderia representar “tempos” proféticos, assim como a expressão “tempo, tempos e metade de um tempo” representa os 1.260 anos. Mas é evidente que esse não é o caso ao analisar-se o contexto e as próprias palavras usadas nas línguas bíblicas originais. Quando se fala em “tempo” profético na Bíblia, a palavra traduzida por “tempo” possui uma palavra original correspondente. No hebraico (Daniel 12:7), a palavra para “tempo” profético é מועד [mo`ed], no aramaico (Daniel 7:25) é ܝܕܢ [iddan] e no grego (Apocalipse 12:14) é καιρός [kairós]. Mas nesse texto de Levítico 26, não há palavra alguma para “tempo”, e nem mesmo para “vezes”. Há apenas as palavras para “sete”. A tradução literal do verso 18 seria: “eu voz punirei *sete mais* por causa de vossos pecados”, o que denota sete *vezes* mais, e não sete *tempos* mais.

Portanto, esse suposto período profético de 2.520 anos não tem qualquer base bíblica. Uriah Smith fecha o assunto com as seguintes palavras no Apêndice da edição original de seu livro *Thoughts on Daniel and the Revelation*, p. 784 e 785: “Quase todo artifício do ‘Plano das Eras’, ‘Era Vindoura’, etc., faz uso de um suposto período chamado os ‘Sete Tempos’; e é feita uma tentativa de calcular um notável cumprimento mediante eventos na história judaica e pagã. Todos esses especuladores fariam bem em poupar seus esforços, pois tal período profético não existe na Bíblia”.

que Manassés foi levado cativo. Como prova disso, veja Oséias 5:5; Isaías 7:8 e 10:11. Oséias declara que Efraim e Israel cairão, e que Judá cairá com eles. Isaías descreve o rei da Assíria como ameaçando fazer com Jerusalém o que havia feito com Samaria. Portanto, o cativo das dez tribos ocorreu antes da invasão de Judá, porém no mesmo ano. A profecia de Isaías 7:8 é corretamente datada em 742 a.C. Se contarmos 65 anos a partir desse ponto, chegamos ao ano 677 a.C. Naquele ano ocorreu a quebra definitiva de Efraim, a fim de que não mais fosse povo. Essa história se encontra em 2 Reis, capítulo 17. Os reis não saíam em expedições bélicas durante o outono ou inverno; somente na primavera ou verão. Assim, na primavera ou verão de 677 a.C., Esar-Hadom e os Assírios começaram a remover das cidades de Samaria os remanescentes das dez tribos; e quando terminaram essa remoção, trouxeram estrangeiros e os estabeleceram em lugar dos israelitas para habitar naquelas cidades. Havendo concluído essa obra, que provavelmente levou alguns meses, estavam então prontos para invadir a Judá. Dessa forma, no outono de 677 a.C. os Assírios tomaram a cidade de Jerusalém, amarraram seu rei com grilhões e o levaram à Babilônia. A partir daquela data, 2.520 anos chegam até o outono de 1844 d.C. Então o tempo dos gentios irá se cumprir, a dispensação da plenitude dos tempo virá, o Redentor virá a Sião e todo o Israel será salvo.

Os 2.300 Dias

Os 2.300 dias de Daniel 8:14 são apresentados como o período de duração da visão contida nesse capítulo. O carneiro representa a Medo Pérsia, o bode representa a Grécia e o pequeno chifre que se tornou excessivamente grande é Roma. De acordo com os capítulos 2 e 7 de Daniel, descobrimos que Roma terá seu fim quando vier o Ancião de Dias, o juízo assentar-se, o Filho do homem vier sobre as nuvens do céu e o Deus do Céu estabelecer o Reino Eterno. Portanto, os 2.300 dias, que se estendem ao momento em que o chifre grande “será quebrado sem o auxílio de mãos” e ao “último tempo de indignação”, são 2.300 anos e terminam com a volta de Jesus nas nuvens de glória. O período começa com as 70 semanas de Daniel 9:24, que são *determinadas* ou *cortadas*, constituindo uma parte dos 2.300 dias. Consequentemente, esses dois períodos precisam começar juntos. A partir do verso 25, descobrimos que eles têm início com a ordem ou decreto para restaurar e edificar Jerusalém. É possível iniciar essa contagem a partir de dois eventos: (1) quando o decreto foi *emitido pela primeira vez*, ou (2) quando o decreto entrou em execução. Mas a primeira opção está descartada, pois o decreto abrange tudo o que foi decretado por Ciro, Dario e Artaxerxes, reis da Pérsia. Veja Isaías 44:28; 45:13; 2 Crônicas 36:22, 23; Esdras 1:1-4; 6:1-15; e Esdras 7. O decreto abrange três grandes objetivos: construir o templo, restaurar a nação judaica e reconstruir as ruas e muros. Agora, se as 70 semanas, que correspondem a 490 anos, tivessem começado com a primeira emissão do decreto, no ano 536 a.C., teriam terminado no ano 46 a.C. Entretanto, as 69 semanas deveriam se estender até a manifestação do Messias, o Príncipe, e a 70ª, ou última semana inclui o período da crucificação. É necessário, portanto, que iniciemos a contagem a partir da segunda opção, ou seja, da *promulgação e execução* do decreto na Judéia. Do texto de Esdras 7:8, 9, descobrimos que Esdras iniciou a jornada no 1º dia do 1º mês e chegou a Jerusalém no 1º dia do 5º mês, no 7º ano de Artaxerxes, [o ano] 457 a.C. Tendo chegado a Jerusalém, Esdras nomeou Magistrados e Juizes, e restaurou a nação Judaica sob o amparo do rei da Pérsia, sendo totalmente autorizado a fazê-lo pelo decreto de Artaxerxes. Isso necessariamente requeria um pouco de tempo, conduzindo-nos

ao ponto em que, efetivada a restauração, iniciou-se a reconstrução das ruas e dos muros. As 70 semanas são divididas em 3 partes: 7 semanas, 62 semanas, e 1 semana – veja Daniel 9:25. O texto mostra que as 7 semanas são dedicadas à reconstrução das ruas e do muro. Assim, tiveram início quando começaram a reconstrução, no outono de 457 a.C. Desse ponto, 2.300 anos chegam ao outono de 1844 d.C.

As 70 Semanas

As 69 semanas se estendem até a manifestação do Messias. Muitos imaginam que isso se deu por ocasião do batismo de Cristo; mas isso é um erro, e pode ser plenamente visto lendo João 1:29-34. Lá vemos que, depois do batismo de Cristo, Ele não foi conhecido pelos Judeus como Messias. João disse no verso 26: “Eu batizo com água; mas no meio de vós está um a quem vós não conheceis”; e nos versos 33 e 34 ele declara que não O conhecia até que viu o Espírito descer e permanecer sobre Ele em Seu batismo, que ocorreu antes de ele dar esse testemunho. Não existe nenhuma prova de que alguém além de João tenha visto o Espírito descendo. Portanto, esta prova de que Jesus era o Messias não foi dada a ninguém senão a João, salvo se fosse transmitida a outras pessoas mediante seu testemunho. Mas o testemunho de João não foi suficiente para estabelecer esse ponto; Jesus declarou em João 5:33 e 34: “Vós mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não recebo testemunho de homem”. E, no verso 36, Cristo disse: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço, testificam de mim, que o Pai me enviou”. Os milagres de Cristo provaram que Ele era o Messias, mas, mesmo o Seu *testemunho* sem os *milagres*, não seria suficiente para estabelecer o ponto, como se evidencia pelo verso 31: “Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro”. Os milagres de Cristo *realizados publicamente* não tiveram início até que João foi lançado na prisão – veja Mateus 11:2-6; Lucas 7:19-23. A profecia de Daniel 9:25 sobre as 69 semanas era destinada a toda a nação Judaica; e eles foram condenados em decorrência de não a compreenderem. Em Lucas 19:43 e 44 vemos nosso Senhor proferindo a respeito deles os mais terríveis juízos por não terem conhecido o tempo de sua visitação. A profecia era clara e eles deveriam ter dado ouvidos. Nosso Salvador também lhes declarou claramente quando o período terminou, dizendo: “O TEMPO ESTÁ CUMPRIDO”. Veja Marcos 1:14, 15; Mateus 4:12-17; Atos 10:37. Assim, vemos que as 69 semanas terminaram e a 70ª semana começou logo depois que João foi aprisionado. João começou seu ministério no 15º ano de Tibério César; veja Lucas 3:1-3. De acordo com relatórios unânimes dos cronologistas, a administração de Tibério começou em agosto do ano 12 d.C. Quatorze anos após esse momento nos leva a agosto do ano 26 d.C., sendo esse o início de seu 15º ano. Assim, o ministério de João começou na última parte do ano 26 d.C. Lucas 3:21 nos informa que, após João estar batizando por algum tempo, Jesus veio até ele e foi batizado; e o verso 23 nos informa que naquele tempo Ele não estava longe dos 30 anos de idade. É astronomicamente provado que nosso Salvador nasceu quatro anos antes da era Cristã. A prova é esta: por volta do ano 527 d.C., Dionísio Exíguo, um monge Romano, fixou o início da Era Cristã no ano 4713 do calendário Juliano. Esta contagem foi seguida até o tempo atual. Mas Josefo, em sua obra *Antiguidades*, livro 17, capítulo 6, menciona especialmente um eclipse da lua, que ocorreu pouco tempo antes da morte de Herodes; e os quadros astronômicos provam que o eclipse ocorreu em 13 de março do ano 4710 do calendário Juliano. Nosso Mestre

nasceu alguns meses antes disso; pois, após seu nascimento, Herodes procurou destruir-Lhe a vida, e José, sendo avisado em sonho por um anjo do Senhor, tomou o recém-nascido e sua mãe e foi ao Egito, onde permaneceu até a morte de Herodes – veja Mateus 2:13-15. Portanto, o último ponto que podemos fixar para o nascimento de Cristo é próximo ao fim do ano 4709, apenas quatro anos antes do ponto que Dionísio estabeleceu para o início da Era Cristã. Consequentemente, Jesus tinha 30 anos de idade próximo ao fim do ano 26 d.C.; e, por ocasião de Seu batismo, tinha pouco mais do que 30 anos. Logo depois disso, como evidenciado em João 2:11-13, ocorreu uma Páscoa. Sendo esta a primeira Páscoa após João haver iniciado seu batismo, ela provavelmente aconteceu na primavera do ano 27 d.C. Depois disso, Jesus teve Sua entrevista com Nicodemos, na qual Lhe ensinou a respeito da regeneração – veja João 3:1-21. No verso 22 somos informados que, depois destas coisas, Jesus retornou para a Judéia, onde *permaneceu* e batizou. Uma vez que Jesus estava em Jerusalém durante a Páscoa – veja João 2:23 – e, então, retornou à Judéia, deve ter ficado fora da Judéia entre esses dois pontos no tempo. Isso necessariamente nos leva até o verão ou outono do ano 27 d.C. Mas, “João ainda não tinha sido encarcerado” – veja João 3:24. Então, somos forçados a fixar a data em que Jesus começa a proclamar o evangelho na Galileia para o outono do ano 27 d.C. Aqui terminaram as 69 semanas e iniciou-se a semana na qual a *aliança é confirmada* – veja Daniel 9:27. No *meio* da semana Jesus fez com que cessasse o sacrifício e a oferta, oferecendo-Se a Deus sobre a cruz como Cordeiro sem mácula. A palavra traduzida do Hebraico como “meio”, é definida pelo Léxico como “meio, metade, meia parte”. A semana foi dividida em duas metades, e o evento que faria essa divisão foi a morte de Cristo. De acordo com o Dr. Hales, um dos mais hábeis cronologistas, esse evento ocorreu, no verão do ano 31 d.C. Ferguson colocou isso em 33 d.C.; mas, a fim de prová-lo, se apega ao modo rabínico de contagem do ano, o qual não é correto. Esses começam o ano com a lua nova em março; mas os Caraítas iniciam o ano com a lua nova em abril. O nome Caraíta significa “perfeito na lei”. Estes acusam os Rabinos de haverem se afastado da lei e se conformado aos costumes dos pagãos; e a acusação é justa, pelo fato de que regulam seu ano pelo equinócio vernal, imitando os Romanos; ao passo que a lei nada diz a respeito do equinócio vernal; mas requeria que se fizesse a oferta das primícias da cevada no 16º dia do 1º mês. Mas, se o ano começava, de acordo com os Rabinos, com a lua nova em março, não era possível que a colheita da cevada estivesse madura 16 dias depois. Assim, os Caraítas estão seguramente corretos. Ora, nosso Senhor foi crucificado no dia da Páscoa; evidência disso encontra-se em João 18:28. Era também o dia que antecede ao sábado, como evidenciado em João 19:31. De acordo com a contagem Rabínica, a Páscoa ocorreu no dia que antecede ao sábado apenas no ano 33 d.C., mas não por diversos anos antes ou depois desse ano. Entretanto, de acordo com a contagem Caraíta, a Páscoa ocorreu no dia anterior ao sábado no ano 31 d.C. Portanto, foi esse o ano da crucifixão. A aliança foi confirmada durante meia semana por Cristo e outra meia semana pelos apóstolos – veja Hebreus 2:3 e 4. “Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada *inicialmente* pelo Senhor, foi-nos depois *confirmada* pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a Sua vontade”. A aliança que foi confirmada é a nova aliança, isto é, o evangelho. Confirmá-la significa estabelecer-lhe sobre uma *base sólida*. A base do evangelho é *Jesus e a ressurreição* – veja Atos 17:18; Coríntios 3:9-11; Efésios 2:20. O evangelho foi estabelecido sobre este fundamento por

testemunhos, acompanhados de milagres, como provas indispensavelmente necessárias. Mas João não realizou *milagre algum* – veja João 10:41. Portanto, o ministério de João não fazia parte da confirmação. Durante metade da semana, Deus operou por meio de Cristo naquelas poderosas realizações; e na outra metade, Ele operou por meio dos apóstolos, aos quais tinha atribuído uma *obra especial*, para a qual estavam devidamente qualificados. Sua tarefa era *testemunhar* a respeito das *obras* e da *ressurreição* de nosso Senhor – veja Lucas 1:2; João 15:27; Lucas 24:48; Atos 1:8, 21 e 22; 2:32; 3:15; 10:36 e 42; 1 João 1:1 e 3. Com exceção de uma, todas essas testemunhas foram oficialmente convocadas e qualificadas, tendo estado com Cristo desde o início de Seu ministério, após o aprisionamento de João. Mas, quando Paulo foi convertido e recebeu sua dispensação do evangelho aos gentios, uma testemunha *especial* foi convocada.

Todos eles testificaram do fato glorioso e fundamental de que Jesus Cristo tinha ressurgido dos mortos. Gálatas 1:10-12; 1 Coríntios 15:1-9. Para os apóstolos, a ressurreição de Cristo não era uma questão de fé, mas de conhecimento. Eles haviam visto, tocado e conversado com Ele; haviam comido e bebido com Ele após Sua ressurreição e receberam dEle a ordem de testificar a respeito dessas coisas. Assim fazendo, confirmaram a aliança, ou, em outras palavras, estabeleceram o evangelho sobre a ressurreição de Cristo, que é a base da fé e esperança de todos os filhos de Deus. Mas este *testemunho por si só* não era suficiente para estabelecer o fato de que Jesus havia ressurgido dos mortos. Portanto, nos é declarado em Marcos 16:20: “E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e CONFIRMANDO a palavra por meio de sinais, que se seguiam.” Veja também Hebreus 2:3 e 4. Quando Paulo, a última testemunha, foi chamado e deu seu testemunho confirmado por milagres, o evangelho como sistema divino de fé, esperança e amor foi estabelecido sobre sua verdadeira fundação; em outras palavras, a aliança foi confirmada. Paulo foi convertido no outono do ano 34 d.C. Tendo Jesus sido crucificado na metade ou no meio da semana, no dia da Páscoa, que era o 14° dia do 1° mês, segue-se que a semana começou no 7° mês do ano 27 d.C. e terminou no 7° mês do ano 34 d.C. Este foi o término das 70 semanas. Partindo desse ponto, faltavam 1.810 anos para se completarem os 2.300 dias. E, começando no 7° mês do ano 34 d.C., os 1.810 anos se estendem até o 7° mês do ano 1844 d.C.

Os Tipos

A lei de Moisés continha uma sombra dos bens vindouros, um sistema de figuras e tipos apontando para Cristo e Seu reino. Veja Hebreus 10:1; Colossenses 2:16 e 17. Tudo que a lei continha seria cumprido por meio dEle. Em Mateus 5: 17 e 18, Jesus declara: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”. Em Sua primeira vinda, quando morreu sobre a cruz, nosso Senhor começou a cumprir aqueles tipos contidos na lei. Como nosso grande Sumo Sacerdote, Ele os continua cumprindo; e, quando vier pela segunda vez, terminará o cumprimento dos tipos. Não falhará em cumprir o mínimo ponto que seja, quer na questão física prevista, ou no *tempo* tão *defnidamente* determinado para a ocorrência dos tipos, pois Deus é absolutamente pontual. Veja Atos 17:26-31; Jó 24:1; Levítico 23:4 e 37. Essas passagens mostram que o

TEMPO é um ponto importante na lei do Senhor. Portanto, tipo e antítipo devem ter perfeita correlação na questão tempo. Uma tipologia que se cumpriu em Cristo foi a morte do cordeiro Pascoal. O cordeiro era morto no 14° dia do 1° mês. Veja Levítico 23:5. Em Êxodo 12:6, somos informados que o cordeiro era morto no crepúsculo da tarde. A leitura da margem apresenta a tradução literal do Hebraico: “entre as duas tardes”. Em sua obra a respeito da Páscoa, Joseph Frey, um Judeu convertido, disse que a tarde do dia era por eles dividida em duas partes: a tarde menor ou anterior e a tarde maior ou posterior. O ponto divisor entre as duas tardes era 3h da tarde, ou seja, a 9ª hora do dia. Jesus morreu na cruz no mesmo dia e na mesma hora [da morte do cordeiro pascoal]. Veja Marcos 15:33-37. Assim, Cristo, nosso Cordeiro Pascoal, foi sacrificado por nós. Nenhum ponto da lei falhou aqui. *A questão do tempo foi estritamente observada.* Em Levítico 23:6 e 7, somos informados que o dia após a Páscoa deveria ser um sábado especial; e nos versos 10 e 11 há uma ordem de oferecer as primícias da colheita na manhã após sábado. Esse era um tipo [ou símbolo] da ressurreição de Cristo. E no mesmo dia, isto é, no dia depois do sábado, Ele rompeu as cadeias da tumba e ressurgiu triunfante, uma amostra da colheita futura, as primícias dos que dormem. Veja 1 Coríntios 12:20-23. E novamente, em Levítico 23:15 e 16, temos a época da festa das semanas, também chamada de Pentecostes, que significa o 50° dia. Este foi o aniversário da descida de Deus sobre o Monte Sinai, na promulgação da lei; e se cumpriu, como vemos em Atos 2:1-4, quando o Espírito Santo desceu como um vento impetuoso e como línguas de fogo, dando aos apóstolos poder do alto, os quais foram qualificados a sair e executar a grande comissão que o Mestre lhes tinha dado, pregando o evangelho a toda criatura.

Assim vemos que aqueles tipos que apontavam aos eventos conectados com a primeira vinda de nosso Senhor foram cumpridos exatamente no *tempo* de sua observância. E todo aquele que não for voluntariamente cego deve ver, e também reconhecer, que aqueles [tipos] que ainda não se cumpriram serão cumpridos com a *mesma rigorosa observação de tempo*. E não apenas isso, mas o próprio Cristo confirma o argumento por analogia, declarando que nem um “i” ou “til” passará da lei, até que tudo se cumpra. Esses tipos, que deveriam ser observados no 7° mês, ainda não se cumpriram em seu antítipo.

O 1° dia do mês, como vemos em Levítico 23:23-25, era o memorial do soar de trombetas. Veja Salmo 81:3: “Tocai a trombeta na Festa da Lua Nova, no tempo marcado para a nossa solenidade” (ARC). Veja também Apocalipse 10:7: “Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas”. No 1° dia do 7° mês, havendo completado 6.000 anos do 1° dia da 1ª semana da criação, o grande Sábado Milenar será introduzido pelo soar da 7ª trombeta. Há outro tipo [ou símbolo] em Levítico 23:26-32, isto é, o dia da expiação ou reconciliação, no 10° dia do 7° mês, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo do tabernáculo, apresentando o sangue da vítima perante o propiciatório, sendo que, depois disto, no *mesmo dia*, ele saía e abençoava a congregação de Israel que o aguardava. Veja Levítico 9:7, 22-24 e o capítulo 16; Hebreus 5:1-6 e 9:1-12, 27 e 28. Ora, o *ponto importante* nesse tipo é que a reconciliação se *completa* quando o sumo sacerdote *sai* do lugar santíssimo. O sumo sacerdote é um tipo de Jesus, nosso Sumo Sacerdote; o lugar santíssimo é um tipo do próprio Céu; a saída do sumo sacerdote é um tipo da vinda de Jesus pela segunda vez, para abençoar os que O aguardam. Isso acontecia no 10° dia do 7° mês. Então, nesse dia,

Jesus certamente virá, pois nem um *único ponto* da lei irá falhar. *Tudo deverá ser cumprido*. A festa dos tabernáculos, que se iniciava no 15° dia do 7° mês (veja Levítico 23:33-43) era um tipo da ceia das bodas do Cordeiro, que será celebrada na Nova Jerusalém, o tabernáculo de Deus que estará com os homens. Em Levítico 25:8-13, 23 e 24, descobrimos que, no 10° dia do 7° mês, no 50° ano, a trombeta do Jubileu sempre deveria ser tocada, e redenção deveria ser concedida para toda a terra. Que todos leiam atentamente a ligação desse assunto e certamente entenderão que este é um tipo extremamente marcante da gloriosa libertação do povo de Deus e de toda a criação que está gemendo sob a maldição, quando o Redentor vier a Sião e realizar o resgate dos corpos de todos os Seus santos e a redenção da propriedade comprada por Deus. Veja Romanos 8:19-23; Efésios 1:9-14. Portanto, nosso bendito Senhor virá, para espanto de todos os que habitam sobre a terra e para salvação daqueles que verdadeiramente O aguardam, no *10° dia do 7° mês do ano Jubileu*: e esse é o *presente* ano, 1844.

“Se não ouvem a MOISÉS e aos PROFETAS, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.